

O corpo, apenas uma divagação

Erika C. Cunha R. de Oliveira
GICHI – Grupo de investigação da Cena Híbrida – Unicamp
Atriz e Pesquisadora

Palavras-chave: Corpo, experimentação, metáfora e fronteira

O corpo humano é o “objeto” talvez mais estudado em várias áreas do conhecimento, biologia, história, antropologia, filosofia, entre outras. Ainda assim, apesar de muito conhecido, ainda nos traz fascínio e terror. Fascínio causado pelas tecnologias a serviço da medicina, como ressonância e tomografia que nos permitem ter acessos a novas imagens do corpo e terror pela perda do mesmo. Como afirma Peter Pal Pelbart, “Desde algumas décadas, o foco do sujeito deslocou-se da intimidade psíquica para o próprio corpo. Hoje o eu, é o corpo. A subjetividade foi reduzida ao corpo, sua aparência, a sua imagem, a sua performance, a sua saúde e sua longevidade” (2007:25).

Na “contramão” desse pensamento sobre a perfeição corporal, deparamo-nos com artistas que extrapolam a experimentação em prol de um pensamento ou movimento artístico e passam a ver o corpo como uma cadeia que liga vísceras, órgãos, glândulas, músculos e articulações, formando o conjunto psico-neuro-muscular que se fazem e desfazem, ou seja, um rizoma chamado de Uno/Corpo.

“Toque-me pelo amor de Deus para saber que eu existo”, essa frase foi escrita pelo Prof. Dr. Antonio Januzelli, durante uma aula de improvisação em março de 2001.

“O mais profundo é a pele” (VALÈRY, in DELEUZE, 1992: 109): essa segunda frase é muitas vezes citada pelo Prof. Dr. Renato Ferracini em seus discursos e aulas e, unida à primeira, nos traz uma reflexão sobre o maior órgão do corpo humano, que possui o maior número de terminações nervosas e o maior contato com o meio externo, portanto, faz fronteira entre eu e o outro.

A pele é extremamente sensível a qualquer alteração funcional de nosso funcionamento: espinhas, manchas, eczemas, rugas... quase tudo é exposto por nossa pele. Muito do nosso “sentir” é recebido pela pele, somos muitas vezes afetados por ela. A pele não cessa de ser submetida aos encontros com outros corpos, do aperto de mão ao ato sexual, do hidratante a radiação. Temos uma quantidade imensa de microrreceptores, cujo valor e densidade variam de acordo com a parte do corpo, um espaço do tamanho de uma unha da mão, contém cerca de 1000 sensores. O mais interessante é saber que o tato só acontece na camada mais profunda da pele, a derme, ou seja, recebemos do exterior, mas processamos a informação internamente.

Somente falando em termos biológicos e não adentrando ainda nas relações estéticas das frases acima citadas, podemos dizer que quando a pele é tocada, a frequência dos microrreceptores é aumentada, o que gera profundas sensações. Quando não estimulamos esses sensores, o sistema nervoso começa a disparar sinais irregulares, ou seja, um longo tempo sem o “toque” nos faria deixar de sentir ou, ainda, sentir o mundo de forma equivocada, já que não teríamos como processar a informação.

Essas frases são metáforas sobre o trabalho do ator: nas descobertas sobre si mesmo e a capacidade de ‘brincar’ com o próprio corpo, e especialmente do corpo em relação aos outros corpos, em jogo com os outros atores presentes na sala. Estimular a pele e o sentir é essa a experimentação de um Corpo Subjétil. Ferracini, em sua obra faz uma explanação coerente e aprofundada sobre o “Corpo Cotidiano e o Corpo Subjétil”. Alguns pontos, de seu trabalho merecem atenção: “o comportamento cotidiano e extracotidiano habitam o mesmo corpo e é o trabalho nesse corpo, para esse corpo e com esse corpo que proporcionará o seu comportamento em arte, um corpo-em-vida” (2006:82). Como ele mesmo nos coloca, seria uma forma de transbordar o corpo nele mesmo.

Quando Ferracini nos apresenta ao “corpo-hélice-em-arte”, ou seja, um corpo que integrado com ele mesmo no tempo-espço de sua história, de sua cultura, não seja negado, mas sim explorado, ele inverte a lei natural do movimento, do repouso, em busca de sua própria recriação, fissurando, abrindo brechas e atualização a si mesmo, como vetores que se expandem e se lançam no espaço: o “Corpo Subjétil”, aonde o dualismo Corpo-mente seja quebrado.

Nesse sentido, metáforas como a utilizada por Maura Baiocchi¹, durante um workshop em Campinas se tornam possíveis: “Tire seu intestino e coloque-o para ser lavado numa cachoeira”. O que se propõe é a experimentação da “desumanização” do homem, um abandono do entendimento que temos do “EU”, seria como esfumaçar o próprio sujeito, diluir o “ser” para adentrar em territórios vizinhos, projetar-se fora de si.

Nesse sentido, o surgimento de movimentos artístico que buscam um Corpo-Morto, no caso do Butô, e de um Corpo sem Órgãos, no caso de Antonin Artaud, essas expressões vêm como metáforas de propostas práticas para colocar um fim ao organismo, ao Corpo Social, ao Corpo estéril, vem como experimentação de si e do que te envolve. Dilacera não apenas o próprio ser, mas a estrutura em que se vive, recobre de outras divagações sobre o corpo e seu uso nas artes cênicas.

¹ Cursos “Introdução ao teatro coreográfico de tensões”, realizado durante o VII Festival – Festival internacional de Teatro de Campinas, em fevereiro de 2009.

Segundo Kuniichi Uno, no artigo intitulado “As pantufas de Artaud segundo Hijikata”², encontramos:

Toda a tematização do corpo-sem-órgãos é uma variação em torno desse tema biopolítico por excelência, a vida desfazendo-se do que a aprisiona, do organismo, dos órgãos, da inscrição dos poderes diversos sobre o corpo, ou mesmo da sua redução à vida nua, vida-morta, vida-múmia, vida-concha. Mas se a vida deve se livrar de todas essas amarras sociais, históricas e políticas, não será para reencontrar algo de sua animalidade desnudada, despossuída? Será a invocação de uma vida nua, de uma ‘zoe’³, como diziam os antigos, contra uma forma de vida qualificada como bios?

Arrisco dizer que o Corpo Subjétil está em busca constante dessa experiência, desse processo de construção (ou des-construção) de um Corpo sem Órgãos, ou de um Corpo Morto de submissão. Para Artaud, o CsO era uma metáfora sobre a desorganização de nosso próprio ser “organizado” socialmente, enquanto, para Deleuze e Gattari, o CsO foi revisto e estudado como conceito e um conjunto de práticas a serem realizadas em busca desse corpo, que é uma linha de fuga. O CsO é uma imagem que nos abre novas possibilidades, conjunções, permutações, que são criadas pelo ator/bailarino, possibilitando a ele a descoberta de um “novo território”, que o leve a experimentar novas possibilidades de ação. É um conjunto de práticas.

O CsO se torna uma prática importante para essa divagação do Corpo em arte, porque ele não nega o plano de organização, mas abre espaços possíveis no plano de intensidades, habita entre os dois planos. O plano de organização é o tempo de Chronos, que orienta nossa vida, nossa sobrevivência no mundo, que nos insere como ser social, porém o CsO estaria orientado no Plano de intensidades, que é o tempo dos acontecimentos, do impensável, das virtualidades⁴, do não-linear, quando passado e futuro podem no presente, ou seja, quando a memória pode ser vivenciada/atualizada. É ocupado por intensidades que passam e circulam, é cercado de virtuais, que se atualizam o tempo todo, que se corporificam durante as experimentações em processo de improvisações/criações, onde imagem e memória se confundem na construção de um novo corpo, um corpo-subjétil⁵, um corpo em estado vertical de experimentação.

² O leitor pode encontrar esse texto no livro “Leituras da Morte”, organizado por Christine Greiner e Claudia Amorim, Editora Anna Blume, 2007

³ Na Grécia antiga zoe significava “vida”, ou o simples fato de viver, de qualquer ser: animal, humano, ou deus. Bios seria uma forma de se viver, através da vida sócio-política.

⁴ Segundo Renato Ferracini durante uma aula na pós graduação: Virtual são partículas muito velozes, que se atualizam na realidade. “Toda realidade tem uma zona de virtualidade

⁵ O corpo-subjétil, paradoxal, toca outros conceitos dentro de especulações sobre o trabalho do ator. Assim podemos encontrar conceitos parecidos como corpo-em-vida de Barba, corporeidade da ação física de Luis Otavio Burnier, transiluminação de Grotowsky ou atleta afetivo de Artaud” (Ferracini, 2006, pág 89). Linha de fuga do plano de organização. (idem, pág 147)

Somos preenchidos por imagens, por metáforas, por linhas molares, que nos limitam, o Corpo Subjétil deve justamente criar fissura, tracejar a linha molar na busca desse Corpo sem Órgãos, desse Corpo Morto de doutrinas e de disciplinas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, Gilles & GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. trad. Aurélio Guerra Neto, Ana Lucia de oliveira, Lúcia Cláudia Leão e Suely Rolnik. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996.

GREINER, Christine, *O corpo*. São Paulo, Editora Anna Blume, 2008.

_____. *Leituras da morte*. São Paulo, Editora Anna Blume, 2007.

FERRACINI, Renato. *Café com Queijo: corpos em criação*. Campinas: Editora da Unicamp, 2004.